

# LER

LIVROS & LEITORES

## O MISTÉRIO DE ELENA FERRANTE

POR ISABEL LUCAS

## TED HUGHES: O PERIGOSO BIOGRAFADO

POR HUGO PINTO SANTOS

## OS HOMENS NÃO LEEM ROMANCES

POR INÉS PEDROSA

## CESARINY VS. PACHECO: UMA MEMÓRIA

POR ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

# GONÇALO M. TAVARES

LITERATURA: PARA VER O LADO  
ESCONDIDO DO HUMANO

ENTREVISTA DE ANABELA MOTA RIBEIRO

# FRANCISCO BETHENCOURT

A NOVA HISTÓRIA DO RACISMO

ENTREVISTA DE BRUNO VIEIRA AMARAL

INVERNO 2015 | N.º 140 | 6€ (IVA INCLuíDO)



ISBN 978-972-8493-06-6 VER BADANA  
ISSN 0874 2847

CRÓNICAS DE ABEL BARROS BAPTISTA, EUGÉNIO LISBOA, LEONOR BALDAQUE, TIAGO CAVACO

# A GRANDE GUERRA ENTRE MÁRIO CESARINY & LUIZ PACHECO

As relações entre Mário Cesariny de Vasconcelos e Luiz Pacheco constituem dentro do surrealismo português, ou das suas adjacências, no período que vai de 1966 a 1974, ano da publicação do livro *Pacheco versus Cesariny*, um verdadeiro campo de batalha. Nenhuma guerra dentro do grupo e até fora dele, ao menos na época, foi tão demorada, tão larga, tão assanhada como esta. Dividiu os surrealistas, até aí muito ciosos da coesão do seu território, em dois campos irreconciliáveis – os que ficaram com Cesariny e os que seguiram Luiz Pacheco. Mas nenhum outro confronto no espaço literário português apresenta o choque catártico, o interesse purgativo que este revela, razão bastante para lhe recordarmos os passos e fixarmos os pormenores.

Texto de ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

## OS ANTECEDENTES

Mário Cesariny e Luiz Pacheco conheceram-se em 1946, em Lisboa, numa acção do Círculo dos Amigos do Teatro, no quadro das actividades juvenis oposicionistas do MUD – antes pois das primeiras adesões ao surrealismo (O'Neill, Cesariny, António Domingues, Moniz Pereira), que aconteceram no Verão de 1947 e levaram à formação do Grupo Surrealista de Lisboa. O círculo organizou no Grupo Dramático Lisbonense um serão, com palestra de Eduardo Sciaraffi e apresentação de peça de Avelino Cunhal. No final, Mário Cesariny, com 23 anos, dirigiu-se a Luiz Pacheco, mais novo dois anos, a trabalhar então na Inspeção-Geral dos Espectáculos, e apresentou-se assim: «Li o seu conto do Menino Jesus. Não é nenhuma obra-prima, mas gostei. Olhe, e por raiva de terem apreendido *O bloco*, estou a escrever uma peça tirada do conto.» Isto relata Luiz Pacheco em texto publicado quase meio século depois («O Cesariny: um abismo», *Diário Económico*, 2-8-1995).

TEXTO SEGUNDO O ANTERIOR ACORDO ORTOGRÁFICO

LER Inverno 2015

O convívio entre os dois só se tornou porém efectivo no início da década seguinte, altura em que Luiz Pacheco orientou a actividade da sua chancela, Contraponto, criada em 1950, para a edição dos surrealistas dissidentes que se haviam agrupado desde o final de 1948 em volta de Cesariny e António Maria Lisboa. No final de 1952 Luiz Pacheco, que fizera sair em Outubro o segundo número dos cadernos *Contraponto* já com colaboração surrealista, edita a quase estreia de Mário Cesariny, *Discurso sobre a Reabilitação do Real Quotidiano* – antes apenas dera a lume, em edição de autor, um curto poema, *Corpo Visível* (1950) –, logo seguida no ano seguinte por *Louvor e Simplificação de Álvaro de Campos*, com duas edições.

Ainda no ano de 1953, Pacheco publica *Isso ontem Único*, o derradeiro conjunto impresso de António Maria Lisboa, que desaparece em Novembro aos 25 anos, e dá a lume o manifesto do grupo «Os Surrealistas», *A Afixação Proibida*, com colaboração de Pedro Oom, de Lisboa, de Cesariny e de Risques Pereira. Esta edição constituiu